

---

## **Imagens transbordadas e televisualidades: denúncia e afirmação nas pautas dos desfiles das Escolas de samba<sup>1</sup>**

Celina LUCAS<sup>2</sup>  
São Paulo, SP

### **Resumo**

O presente trabalho pretende propor um debate sobre como as pautas apresentadas pelas Escolas de samba em seus desfiles corroboram para a produção coletiva de conteúdos relacionados às questões ligadas às minorias, à diversidade e ao racismo estrutural. Observaremos ainda de que forma o grande avanço tecnológico pelo qual passamos, nas últimas décadas, contribui para a mudança nos papéis dos receptores de conteúdos midiáticos. O empoderamento dos públicos mediante a perpetuação da cultura participativa beneficia, assim, a instauração de pautas abertas, com origens múltiplas e que transitam entre os espaços midiáticos tradicionais e digitais. Os temas ligados à diversidade transformam-se, então, em um grande debate que ultrapassa as fronteiras territoriais, auxiliando no conhecimento, conscientização e mudança da imagem que se tem desses grupos.

### **Palavras-chave**

Mídias; Redes sociais; Mídias sociais; Escola de samba; racismo.

### **I. Imagens transbordadas**

Na véspera do Dia Nacional da Consciência Negra, em 2020, um homem de quarenta anos, chamado João Alberto Silveira Freitas, foi espancado até a morte por dois seguranças brancos de um supermercado da rede Carrefour em Porto Alegre. Esse seria somente mais um ato de ódio que a população negra, infelizmente, está acostumada a enfrentar em seu cotidiano.

No entanto, um elemento transformou a ocorrência regional em um evento capaz de provocar uma comoção mundial: o celular. Mais do que símbolo das grandes inovações tecnológicas pelas quais passamos nos últimos anos, o aparelho materializa os preceitos da convergência. Isso porque reúne diferentes dispositivos e serviços, consolidando-se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social pela universidade Anhembi Morumbi, e-mail: celinalucas@gmail.com.

como um parceiro fiel das jornadas diárias. No episódio em questão, possibilitou a realização do registro que inundou diferentes espaços midiáticos. Em tom de denúncia, trouxe à superfície, mais uma vez, a maneira equivocada com a qual “não tratamos” nossas questões raciais.

O grande acesso aos suportes tecnológicos, do mesmo modo, está ajudando a transformar as relações de consumo das mensagens midiáticas. As pessoas distanciam-se da função única de recepção, passando a atuar, além disso, como produtoras de conteúdo. É o que Jenkins (2009, p. 31) chama de *cultura participativa*: “Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo”.

A forma como os conteúdos transitam pelos diferentes espaços midiáticos revela a sua alta capacidade de mobilização, o *empoderamento* dos receptores e a atenção dos veículos e empresas dos distintos segmentos ao interagir com os seus públicos.

Todavia, o grande prodígio vem da facilidade de armazenar, através de imagens e sons múltiplos, aspectos do cotidiano. O celular assume o posto de “testemunha” ao permitir rápidos registros que são compartilhados nas redes sociais. Recorrendo aos ensinamentos de (MCLUHAN, 1964), podemos afirmar que os meios estão tão implicados no cotidiano das pessoas que passam a funcionar como extensões dos olhares do próprio homem. Dessa forma, modificam-se os relatores das infinitas histórias diárias e consolidam-se relações *tecnossociais* e um trânsito *multidinâmico* de conteúdos dos mais diferentes gêneros.

Sobre tal aspecto da demanda midiática contemporânea, Jenkins (2009, v.2, p.30-31) afirma que “a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos”. Por esse caminho, o consumo midiático passa a ser, então, um movimento social e coletivo. As pautas diárias ganham aspectos de relatos continuados em diferentes viesses narrativos: TV aberta, TV paga, rádio tradicional, WEB rádio, mídias sociais e redes sociais. Formam-se impressões e memórias televisuais em mídias diversas - narrativa que gradativamente se completa através de contribuições múltiplas até que o próximo assunto domine novamente o circuito e recomeça o fluxo.

As pautas diárias apresentam origens diversas. Estão nas imagens captadas por pessoas comuns e compartilhadas nas redes. Essas viram notícias continuadas nos veículos de

comunicação digitais ou tradicionais. Estão, ainda, nos assuntos pautados pelos próprios veículos, lançados nas mídias sociais, comentados pelos seus seguidores e compartilhados nas redes infinitas vezes junto com opiniões de pessoas de distintas partes do mundo.

No dia 30 de março de 2022, o debate sobre a intolerância religiosa esteve presente, mais uma vez, nas pautas das redes e mídias sociais de diferentes veículos de comunicação. Tudo começou quando imagens apreendidas por um celular mostravam um homem jogando água suja em oferendas, xingando e ameaçando religiosos do candomblé em Ananindeua, município do estado do Pará.

Questões ligadas à intolerância religiosa também foram trazidas pelo “O Globo” *online*, através do jornalista Marcelo Remigio, que denunciou a utilização das redes sociais para a prática da intolerância religiosa em discursos contra políticos fiéis e simpatizantes das religiões de matriz africana. Segundo o jornalista, os conteúdos emanam de perfis de extrema-direita levantando o debate sobre a demonização dessas religiões. O objetivo é promover a mobilização e incentivar a perseguição a esses grupos religiosos.

Os atos de intolerância religiosa foram considerados crimes previstos na Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989 - a Lei Caó (homenagem a Carlos Alberto de Oliveira). A legislação aponta como crime a prática ou incitação à discriminação ou preconceito de cor, raça, etnia ou religião.

Outra ocorrência interessante para o nosso estudo, sucedeu no dia 20 de maio de 2022. Na ocasião, um integrante da competição “Jogo de Panelas” do programa “Mais Você”, Rede Globo de TV, causou indignação ao praticar (segundo ele, de forma inocente), o *black face*<sup>3</sup>. Os fãs do programa protestaram nas mídias e redes sociais. A atitude do público contribuiu para que a produção mudasse parte do conteúdo com o propósito de esclarecer sobre o tema e posicionar-se contrário à atitude do competidor, que também teve espaço para pedir desculpas.

A dinâmica do consumo midiático contemporâneo, do mesmo modo, subscreve a rapidez com que as pessoas são julgadas. O censo de “peneira” é uma ferramenta para o “não cancelamento” que as pessoas ainda estão aprendendo a usar. Toda fala notória será respondida sem que o remetente tenha controle sobre as consequências do que foi divulgado.

---

<sup>3</sup> Trata da menção ao negro de maneira estereotipada através de rostos pintados de preto por atores para representar personagens afrodescendentes. A prática era muito comum no século XIX, e vem sendo banida do meio artístico pelo seu teor altamente racista.

---

Os conteúdos midiáticos respiram em um circuito de pautas inacabadas que transbordam de emissores diversos e provocam um efeito de produção continuada e consumida em fontes de *televisualidades*. Assim, a sociedade está exposta com suas bem-aventuranças e mazelas.

## II. Racismo negado

Essa “parceria” na formação dos conteúdos midiáticos impulsionados por pontos diversos trouxe à tona antigas feridas. Muitas denúncias nos lembraram a forma truculenta com a qual o sistema social lida com a sua população negra: alijada nas periferias das grandes cidades, sujeitada às encalhas de morros, vítimas da marginalidade, da pobreza, na ausência em corredores universitários e em mesas de restaurante e da ideologia nacional da segurança de país miscigenado.

Dados do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 2020, que definiam a cor ou raça através da autodeclaração, revelavam que a população brasileira era composta por: 42,7% de brancos, 46,8% de pardos, 9,4% de pretos e 1,1% de indígenas. Entretanto, é notório: os personagens principais dos conteúdos diários sobre atos racistas excedem o grupo composto pelos 9,4%. A denominação “parda” consolida-se como uma ferramenta ideológica, pois usada de acordo com a conveniência do próprio sistema pronto a lembrá-lo de que ele é quase preto ou, apenas, quase branco. O pardo oculta nossa incapacidade de assumir, plenamente, a mistura, o que destruiria nossa estrutura social edificada sobre desequilíbrios.

Durante 134 anos estamos construindo o sistema no qual parte dos 56,2% resistem contra o desvirtuamento total de suas origens. Chamamos de sistema, exatamente, por tratá-lo como a formação lenta e sorradeira de uma engrenagem alimentada por múltiplos entraves. A finalidade é conservar a população negra à margem da plena ascensão social, como bem aponta Ribeiro (2018, p.25): “Racismo é um sistema de opressão e, para haver racismo, deve haver relações de poder. A população negra sofre um histórico de opressão e violência que a exclui”.

Com esse propósito, constituiu-se a combinação engenhosa que sucede em diferentes frentes abarcando: a fraude do *coitadismo*, o enquadramento social, a ideologia da miscigenação e os processos de *embranquecimento* e de apagão.

A fraude do *coitadismo* transborda das páginas da história oficial ao reiterar a situação de entrega do negro à condição escrava e a posição do branco como seu redentor. A Lei Áurea teria sido, generosamente, assinada pela princesa Isabel, agraciando os escravos com a liberdade. Pouco se fala sobre a peleja do negro, a existência dos quilombos, dos grupos abolicionistas e da pressão internacional que acabaram transformando a escravidão em uma estrutura econômica insustentável.

O lado mais nocivo do mecanismo vem, no entanto, da instauração perpétua do pacifismo com a exclusão de ferramentas históricas capazes de munir o negro dos subsídios de luta para reviravolta em sua penúria social. Dados do IBGE de 2021 mostram que homens e mulheres não negros receberam em média R\$ 3.471,00 e R\$ 2.674, respectivamente, e trabalhadores negros R\$ 1.968 e negras, R\$ 1.617.

O enquadramento social do negro estendeu-se para além do cativo, já que a extinção da escravidão não foi sinônimo de reintegração à sociedade. Desprovidos de bens materiais e de letramento que lhes pudessem garantir a sobrevivência, os negros foram arremessados à sua própria sorte na condição de marginalidade.

Aquele que consegue romper tais barreiras é observado como exemplo, demonstrando a compaixão do país - sinônimo de miscigenação - para com a população negra. A mídia reverencia os escassos exemplos de negros bem-sucedidos em um sistema de cotas não informado que justifica e perpetua a força que empurra o negro para a periferia social.

Enquanto isso, outros dogmas suboficiais são construídos, como a denominação ideológica do pardo - um poço invisível onde colocamos aqueles que vivem em entremeios em uma escala entre ser negro ou branco, lutando desesperadamente para estar o mais distante da possibilidade de ser negro para reafirmar-se quase branco. No mecanismo, o próprio negro descola-se de suas origens. Alivia-se na ilusão do quase branco até ser surpreendido por alguma atitude racista que o denuncia como quase preto lembrando-o do seu lugar social.

Os processos de *embranquecimento* de personalidades negras relevantes da cultura nacional, ou simplesmente os seus apagamentos, tornam órfã a população negra e reitera sua consciência de marginalidade social.

A mídia é parte fundamental na disseminação ou exclusão dessas imagens equivocadas. Em 1999, entrava no ar a minissérie Chiquinha Gonzaga, exibida pela Rede Globo de TV. O programa narrava a saga da mulher (filha de mãe negra e pai branco) que superou suas condições de origem e gênero tornando-se um dos maiores nomes da música nacional.

Todavia, a personagem era interpretada pelas atrizes Gabriela Duarte e Regina Duarte (na primeira e segunda fases, respectivamente).

Para comemorar os 150 anos de história, a Caixa Econômica Federal veiculou, em 2011, uma propaganda (em TV aberta e fechada e cinema) na qual o escritor Machado de Assis era interpretado por um ator branco. A publicidade corroborava com a formação imaginária que embranqueceu um dos maiores escritores da literatura nacional.

Igualmente, desconhecemos a negritude de figuras como André Rebouças (engenheiro e abolicionista) e Lima Barreto (abolicionista, jornalista e escritor). Nomes como Maria Firmina (professora e romancista) e Milton Santos (professor, cientista, geógrafo, escritor, jornalista e advogado), caem na vala funda do apagão da história nacional.

A mídia ajuda na construção do inconsciente coletivo nacional dotado de heróis negros embranquecidos e lacunas deixadas por séries infinitas de apagões. Uma breve consulta às nossas memórias nos deixa aptos a responder às perguntas que provam a eficiência da engrenagem perpetuada pelo racismo estrutural, como bem aponta Ribeiro (2018, p.27): “Qual é a cor da maioria dos atores, atrizes e apresentadores de TV? Dos diretores de novelas? Qual é a cor da maioria dos universitários? Quem são os donos dos meios de produção?”

### **III. Negritude é pauta no desfile das Escolas de samba**

É nesse contexto de espanto e denúncia traçado acima que, em abril de 2022, e após muitos debates e remarcações, as Escolas de samba realizaram os seus desfiles. A alegação oficial para o adiamento vinha da tendência de aumento da contaminação por COVID, proveniente da aglomeração que o evento suscitaria. De qualquer forma, a realização do evento representou a exposição pública dos esforços continuados das agremiações que, mesmo passando por grandes dificuldades financeiras e perdas humanas, alinharam-se às carências de suas comunidades e não deixaram de trabalhar.

As escolas aproveitaram a retomada para resgatar suas origens como espaços de preservação da cultura negra, alimentando o debate racial com subsídios para afirmar e reafirmar os elementos de sua ancestralidade. Trata-se da constituição de pautas raciais que transbordaram da TV para outros espaços midiáticos incendiando as mídias e redes sociais.

Para o nosso estudo, é importante observar a construção de narrativas que se alinham às denúncias comentadas acima, reforçando a importante influência do matiz cultural negro na formação da cultura brasileira. Os enredos defendidos pelas Escolas de samba formaram um grande brado para que não esqueçamos da contribuição negra na religião, na moda, na culinária, na música, na literatura e na construção da intelectualidade nacional. Trouxeram à luz, novamente, os debates sobre racismo estrutural, representatividade e diversidade. Tais aspectos podem ser observados nas apresentações das escolas Grande Rio, Beija-Flor, Colorados do Brás e Mocidade Alegre, por exemplo.

O desfile da Escola de samba carioca campeã, Acadêmicos do Grande Rio<sup>4</sup>, foi muito importante enquanto movimento de resgate e preservação de elementos da cultura afro-brasileira, bem como na luta contra a intolerância religiosa.

O enredo “Fala, Majeté! Sete chaves de Exu”, partiu da trabalhadora de lixão, Estamira, que, em 2004, teve o seu cotidiano registrado pelo documentário homônimo, premiado e dirigido por Marcos Prado.

Imagem 1- Placa de estrada em Gramacho e Estamira falando com Exu.



Fonte: Imagem retirado do documentário Estamira de Marcos Prado, lançado em 2005.

Estamira, uma senhora negra com distúrbios mentais que trabalhava no aterro sanitário de Gramacho, município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Era uma espécie de “filósofa popular e conselheira” dos trabalhadores locais. Morreu com setenta anos, após esperar dois dias por uma internação no hospital Miguel Couto, em 2011.

A sua história de vida representa muitas faces da sociedade brasileira dos excluídos, como mulher negra, pobre e catadora de lixo. Nasceu em 1941, e teve uma jornada precocemente difícil: mãe diagnosticada com transtornos psíquicos, violência sexual na

---

<sup>4</sup> Esteticamente, o desfile lembrou a obra de Joãozinho Trinta para Beija-Flor, em 1989, quando transformou o lixo em luxo para desenvolver o enredo “Ratos e urubus rasguem a minha fantasia”.

---

infância, outros estupros na vida adulta, abusos por parte dos companheiros e filha perdida para pobreza.

No documentário, seu cotidiano vira relato sobre o esquecimento de parte da população brasileira no flagelo da pobreza intensa simbolizada por aquilo que a sociedade rejeita: o lixo, um dos protagonistas. Somam cachorros sem raça definida, lama, trapos, farrapos, defuntos, restos, descuidos e a sua missão: “ensiná-los a mostrar o que eles não sabem!” Estamira “é o abstrato”, isto é, um sentimento de falta que incomoda e está em toda parte. Entre muitas falas aparentemente desconexas onde ela sempre se refere a “eles”, uma chamou atenção dos carnavalescos da escola Grande Rio. A mulher pega um telefone quebrado e inicia a sua conversa com a entidade Exu: “Fala, Majeté”. Eis o mote para outra grande obra realizada por Leonardo Bora e Gabriel Haddad. A proposta era denunciar a negligência a tantas “Estamiras” que o país procura esconder, mas ainda, ajudar a eliminar a ideia negativa que se tem do orixá evocado pela mulher.

Para Exu, há várias interpretações em diferentes religiões de matriz africana. Por ser o mais próximo dos humanos, teve sua imagem associada ao caos e à confusão. Mas, quando tratado de acordo com os preceitos do candomblé, é o princípio e o movimento que abre os caminhos. É o nó das encruzilhadas. Está nas esquinas, trancas e travessias. É a ligação entre o sagrado e o humano.

Na umbanda, os orixás são a energia e a força da natureza. Estão abaixo de Deus e representam as suas virtudes. Como energia, Exu é a ponte para os demais orixás e Deus. É símbolo da comunicação e protetor dos terreiros. Na incorporação, pode usar capas e cartolas nas cores preta e vermelha. É a entidade ligada ao comércio, às feiras e aos grandes mercados. Os Exus são mensageiros dos orixás e Pombogira seria o seu feminino - espíritos que já passaram por várias encarnações e estão em um estágio de evolução elevado.

No desfile, é na partir do lixão de Estamira que a história começa a ser encenada. Exu (africano) abriu os caminhos com o Exu (urbano e o povo da rua) com a entidade abraçando o mundo e alimentando-se dos padés (despachos). Somaram 29 alas, 5 carros alegóricos, 2 triples e 3200 componentes materializando a ideia de movimento e potência como atributos principais do orixá, em uma produção com muitos retalhos e tecidos estufados. Os carnavalescos usaram como recursos estéticos o “exagero”, a ideia de movimento, rasuras e alegria que remetem à personalidade do Exu.



Imagens 2- Fotos do desfile da escola Grande Rio, 2022.



Fonte: Portal G1 de Notícias por Alexandre Durão e site Carnavalesco por Allan Duffes e Nelson Malfacini, publicadas em 24/04/2022.

Para tanto, as sete chaves são os sete setores usados para desenvolver o enredo: criação e encruzilhada (presença de Exu nos mitos da criação); raiz da liberdade (associação de Exu com a figura de Zumbi); terreiro e mercado (energia da troca e ponte entre deuses e homens); alma das ruas - noites da Lapa (Exu e Pombagira de diferentes linhas), festas, folias e carnaval (manifestações culturais e suas relações com Exu); de tinta e de sangue (presença de Exu nas artes) e recriação - vozes do lixo (a ligação de Exu com aquilo que a sociedade rejeita, como o lixo e os loucos), dando “voz a quem não tem voz”, segundo afirmação da coreógrafa responsável pela comissão de frente, Beth Bejani, após a apresentação da escola.

De acordo com a reportagem exibida pelo Fantástico (Rede Globo de TV), no dia 01 de maio de 2022, as buscas por “Exu” em sites da internet aumentaram 400% depois do desfile da Grande Rio. Acirraram-se os debates sobre intolerância religiosa nas redes sociais e centenas de conteúdos com assuntos relacionados foram postados em mídias como o *Youtube*. Na página de busca do *Google* é possível verificar a existência de 20.600.000 resultados sobre a entidade e temas relacionados e 10.100.000 para desfile da Grande Rio (números do dia 8 de junho de 2022, às 17h00).

Em entrevista para o programa Carnaval Globeleza de 23 de abril, o ator que interpretou Exu, Emerson Dalva, afirmou: “Não é só eu que estou aqui, sou eu e muita ancestralidade, minha tataravó, filha de escravo. É meu projeto social, minhas crianças. Eu não estou aqui só por mim, tô aqui por antes, pelo agora e o que virá depois”.

A temática negra também esteve presente no desfile apresentado pela vice-campeã Beija-Flor de Nilópolis - “Empretecer o Pensamento é Ouvir a Voz da Beija-Flor<sup>5</sup>”, do carnavalesco Alexandre Louzada. O apagamento histórico da contribuição negra para a cultura nacional foi o principal elemento mostrado pelo cortejo. O ato é representado, inicialmente, pela comissão de frente, que trazia um elemento cenográfico com a eliminação das pegadas negras na areia. Elas teriam sido ocultadas com a chegada dos africanos à costa brasileira. Relatava, ainda, a crueldade da diáspora negra que separou famílias, amores e, durante três séculos, o povo negro de sua ancestralidade. A comissão de frente fez referência à escravidão combativa e representada em passos de maculelê<sup>6</sup>. A pergunta “De onde viemos?” é respondida ao longo do primeiro setor, em seu resgate de elementos da cultura negra, tão estereotipada pela história oficial e os meios de comunicação.

Na sequência, manifesta-se uma África surpreendentemente pensante e não tribal ou exótica em um brado doído da “raça que a chibata não calou”, expressão presente no samba composto por J. Velloso, Léo do Piso, Beto Nega, Júlio Assis, Manolo e Diego Rosa. São 413.000 resultados sobre o enredo da Beija-Flor na página de busca do *Google* (números do dia 8 de junho de 2022, às 17h26).

Em São Paulo, a Escola de samba Colorados do Brás, apresentou o enredo “Carolina – A Cinderela Negra do Canindé”, sobre a escritora e compositora Carolina Maria de Jesus. Nascida em Sacramento, Minas Gerais, em 1914, é mais um caso de mulher negra, pobre e filha de pais analfabetos - mais uma “Estamira” esquecida na grande vala do “apagão nacional”, ainda que, inicialmente, tenha tido sua história redimida pela arte. Viveu parte de sua existência na favela do Canindé. Com histórico de traição e maus tratos em seus relacionamentos, trabalhou como catadora de lixo, faxineira e professora particular para sustentar seus três filhos.

Sua literatura carrega parte do legado da mulher preta e sua jornada pela vida em uma sociedade que ignora a existência de pessoas como ela. “Quarto de despejo”, o livro mais conhecido, foi publicado em 1960, sendo traduzido para mais de quatorze países e

---

<sup>5</sup> Questões ligadas ao apagamento e à ribalda para as minorias também foram trazidas em 2019, pelo carnavalesco Leandro Vieira em seu enredo “História Pra Ninar Gente Grande” para a escola Estação Primeira de Mangueira, com os heróis que a história ocultou. O enredo exaltava nomes como os Caboclos de julho (ajuntamento que expulsou tropas portuguesas em 1823, na Bahia), o Dragão do Mar de Aracati (jangadeiro cearense, Francisco José do Nascimento, que lutou e conseguiu a libertação dos escravos quatro anos antes Lei Áurea) e a princesa Aqualtune (princesa do Congo escravizada no Brasil, mãe de Ganga Zumba e avó de Zumbi; dois grandes líderes do quilombo de Palmares).

<sup>6</sup> Dança folclórica brasileira oriunda das contribuições indígenas e negras e que faz referência a uma luta com o uso de bastões.

considerada uma das obras mais conhecidas da literatura brasileira. Em 1961, realizou uma gravação musical pela RCA com doze músicas de sua autoria. “Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada” foi publicado no mesmo ano; “Pedacões de Fome”, em 1963 e “Provérbios”, em 1965. Parte de sua obra tornou-se pública somente após sua morte: “O Diário de Bitita” (1977); “Um Brasil para brasileiros” (1982); “Antologia pessoal” e “Meu estranho diário” (1996); “Onde estais, felicidade?” (2014) e “Meu sonho é escrever – Contos inéditos e outros escritos”, (2018).

De acordo com o enredo desenvolvido pelo carnavalesco André Machado, a mineira apaixonada pela leitura passou a maior parte de sua vida em São Paulo, onde enfrentou a mazela da pobreza na comunidade de Canindé - cenário para o seu primeiro livro. Conquistou alguma notoriedade, mas, quando morreu, em 1977, aos 62 anos de idade, já não tinha poder aquisitivo. Essa é a relação que o carnavalesco faz com o conto da Gata Borralheira. Usando materiais recicláveis como o papelão no carro Abre-alas, e membros da comunidade do Canindé, o desfile traçou o paralelo entre o conto de fadas e a realidade precária das favelas brasileiras.

Imagem 3- Casal de mestre-sala e porta-bandeira e carro alegórico da escola Colorados do Brás no desfile de 2022.



Fonte: Portal G1 de Notícias, por Fábio Tito, publicadas em 22 de abril de 2022.

Questões ligadas à *africanidade*, à odisseia da mulher negra e à redenção social pelo letramento estiveram presentes durante o cortejo da agremiação, suscitando debates fundamentais em um país onde, segundo dados do Estudo das Desigualdades Sociais do IBGE (2020), das 11,4 milhões de famílias chefiadas exclusivamente por mulheres, a grande maioria, 7,4 milhões, tem à frente mulheres negras. Mais uma vez, esses debates transbordaram para as mídias e redes sociais: na página de busca do *Google* é possível verificar a existência de 22.600.000 resultados sobre a autora e 133.000 resultados para desfile da Colorados do Brás (números do dia 8 de junho de 2022, às 18h11).

---

Ainda em São Paulo, a Escola de samba Mocidade Alegre teve como enredo “Quelémentina, Cadê Você” do carnavalesco Edson Pereira. Também nesse caso, a proposta era reverenciar a figura da mulher negra e guerreira em sua luta pela sobrevivência. Um dos maiores ícones da cultura nacional, Clementina de Jesus só adquiriu reconhecimento público em 1963, quando foi descoberta por Hermínio Bello de Carvalho, enquanto cantava na Taberna da Glória. O momento foi representado no primeiro setor da escola. Ganhou projeção nacional com o espetáculo “Rosas de Ouro” em 1964, junto com Elton Medeiros, Paulinho da Viola, Aracy Cortes e Nelson Sargento. Neta de escravos, filha da parteira Amélia e do capoeira Paulo, nasceu em 1901, na comunidade de Carambita, em Valença, Rio de Janeiro. Foi mãe solteira de Laís e esposa de Albino Pé Grande a partir de 1940, quando se mudou de Madureira para o morro da Mangueira, trajetória mostrada no carro abre-alas da Mocidade Alegre. Em 1943, teve mais uma filha, Olga, ficando viúva em 1977. Foi lavadeira, doméstica e morreu na pobreza em 1987.

Clementina foi responsável pelo resgate de muitas obras remanescentes da cultura popular, como ladainhas, pontos de macumba e cantos de trabalho. O apelido, Quelé, é um chamado à ancestralidade: vem do candomblé e faz referência a um adereço usado no pescoço pelas filhas e filhos de santo em sinal de devoção.

Realizou registros fonográficos entre os anos de 1966 e 1979, como “Clementina de Jesus”, “Clementina, cadê você?” (Odeon) e “Marinheiro Só” (Odeon). Era venerada pelos artistas brasileiros com os quais realizou várias participações como “Gente da antiga” em 1968, com Pixinguinha e João da Bahia (Odeon) e “Fala, Mangueira” com Cartola, Nelson Cavaquinho, Carlos Cachaca e Odete Amaral. Sua trajetória foi contada em livros e documentários como “Clementina de Jesus - Rainha Quelé”, filme premiado e dirigido por Wertinon Kermes (2012), que teve como base informativa o livro de mesmo nome, organizado por Heron Coelho em 2001.

Imagem 4- Fotos do elemento cenográfico da comissão de frente e do carro alegórico do desfile da escola Mocidade Alegre em 2022.



Fonte: Portal G1 de Notícias por Fábio Tito, publicadas em 23 de abril de 2022

No desfile, a comissão de frente trouxe elementos oriundos da África que se misturaram com outros da cultura europeia, como as procissões religiosas, as ladainhas e folias de rei presentes nas lembranças da artista e que ajudaram a compor o seu repertório. De novo, a repercussão nas mídias e redes sociais: foram 83.400.000 ocorrências na página de busca do *Google* sobre o enredo da Mocidade Alegre e 3.440.000 sobre Clementina de Jesus até o dia 8 de junho de 2022, às 16h30.

Concomitantemente, as Escolas de samba e seus principais líderes também são elementos bastante ativos em mídias e redes sociais. Para relatar o seu cotidiano e o próprio desfile, centenas de conteúdos de diferentes gêneros, amadores e profissionais, inundam os espaços midiáticos tradicionais e virtuais. Ao mesmo tempo, as pautas propostas pelas Escolas de samba em 2022, trouxeram às memórias a formação de parte das agremiações nos terrenos de chão batido e dos centros de candomblé e umbanda. Ao mesmo tempo, estão em milhares de conteúdos transbordados das transmissões televisas para diversos espaços midiáticos.

Segundo Fanon (1961, p. 30), “aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco”. Entretanto, nos nossos dias, temos ferramentas tecnológicas que tornam viável a denúncia e o debate através de conteúdos profissionais compartilhados, vídeos caseiros e imagens de celulares, dando eco às suas vozes, instaurando-se em mídias e redes sociais. O compartilhamento de produção dos conteúdos midiáticos colabora para a mudança da imagem coletiva que se tem dos grupos marginalizados. Hoje, as chamadas minorias podem construir as suas próprias histórias, em narrativas transbordadas e além do “sangue negro que escorre no jornal” como reivindica o samba da escola carioca Paraíso do Tuiuti.

## REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. RJ: Civilização Brasileira, 1968.

JENKINS, H. **Cultura das convergências**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e Mídias sociais**. RJ: Mauad X, 2016.

MACLUHAN, M. **Os meios como extensões do homem**. RJ: Cultrix, 1964.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. SP: Companhia das Letras, 2018.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. RJ: SMC, 1995.

---

LUCAS, Celina. A midiatização dos desfiles das Escolas de samba de São Paulo. 2020. 393f (Doutorado em Comunicação Audiovisual) - Universidade Anhembi Morumbi, 2020.

Portal IBGE: Disponível em< <https://ibge.gov.br/>> Acesso em 08 junho.2022, 15:00:00.

O Globo:

Disponível em<<https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/intolerancia-religiosa-politicos-atacam-adversarios-fieis-ou-simpatizantes-de-religioes-de-matriz-africana.html>> Acesso em 08 junho.2022, 15:21:00.

G1 Notícias: Disponível em< <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/03/30/policia-investiga-caso-de-intolerancia-religiosa-apos-ameaca-com-facao-contrapratificantes-de-candomble-na-grande-belem.ghtml>> Acesso em 08 junho.2022, 15:53:00.

Carolina de Jesus por Warley Souza: Disponível em<Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/carolina-maria-jesus.htm>. /> Acesso em 08 junho.2022, 16:17:00.

Carta Capital: Disponível em< <https://www.geledes.org.br/falar-em-racismo-reverso-e-como-acreditar-em-unicornios/>> Acesso em 08 junho.2022, 16:33:00.

UOL Notícias: Disponível em< <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/04/18/intolerancia-regiliosaestado-de-sao-paulo-umbanda-candomble-evangelicos.htm>> Acesso em 08 junho.2022, 16:57:00.

---

Portal da Transparência: Disponível em < Portal da  
transparencia\_ <https://www.naosecale.ms.gov.br/violencia-contr-a-mulher//>> Acesso em 08  
junho.2022, 17:23:00.

Anuário brasileiro de Segurança Pública: Disponível em <  
[https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-  
v3.pdf//>](https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf//>) Acesso em 08 junho.2022, 18:03:00.

Desfile- Beija-flor: Disponível em <<https://g1.globo.com/carnaval/escola-de-samba/beija-flor/>>  
Acesso em 07 de junho. 2022, 14:43:00

Desfile- Grande Rio: Desfile- Beija-flor: Disponível em <  
<https://globoplay.globo.com/v/10510934/>> Acesso em 07 de junho. 2022, 15:01:00

Desfile Colorados do Brás: Disponível em <[https://g1.globo.com/carnaval/escola-de-  
samba/colorado-do-bras/>](https://g1.globo.com/carnaval/escola-de-samba/colorado-do-bras/>) Acesso em 07 de junho. 2022, 14:00:00

Desfile Mocidade Alegre: Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/10513350/>> Acesso  
em 07 de junho. 2022, 15:48:00

Portal G1 de Notícias- Colorados do Brás: Disponível em  
<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1730970127475853-desfile-colorado-do-bras-2022/>>  
Acesso em 07 de junho. 2022, 16:09:00

Portal G1 de Notícias- Mocidade Alegre: Disponível em [https://g1.globo.com/sp/sao-  
paulo/carnaval/2022/noticia/2022/04/24/mocidade-alegre-fica-de-joelhos-em-desfile-que-  
celebra-a-sambista-clementina-de-jesus.ghtml](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2022/noticia/2022/04/24/mocidade-alegre-fica-de-joelhos-em-desfile-que-celebra-a-sambista-clementina-de-jesus.ghtml)> Acesso em 07 de junho. 2022, 16:29:00

Portal G1 de Notícias- Grande Rio: Disponível em < [https://g1.globo.com/rj/rio-de-  
janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/26/grande-rio-e-a-campea-do-carnaval-2022-do-  
rio.ghtml](https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/26/grande-rio-e-a-campea-do-carnaval-2022-do-rio.ghtml)> > Acesso em 07 de junho. 2022, 17:00:00

Documentário- Estamira: Disponível em  
[https://www.bing.com/videos/search?q=+document%  
c3%a1rio+estamira&view=detail&mid=6  
5906F12726B1C53F2EE65906F12726B1C53F2EE&FORM=VIRE](https://www.bing.com/videos/search?q=+document%c3%a1rio+estamira&view=detail&mid=65906F12726B1C53F2EE65906F12726B1C53F2EE&FORM=VIRE)> Acesso em 07 de junho.  
2022, 10:00:00